

Mundo como Visão e Mundo como Evento '

WALTER J. ONG, SJ

Departamento de Inglês
St. Louis University

*Como um termo conceitual, "visão de mundo" é útil, mas às vezes pode ser enganoso. É re-
reflete a tendência marcante do homem tecnologizado de pensar na realidade como algo
essencialmente picturable e para pensar do próprio conhecimento por analogia com atividade visual
com a exclusão, mais ou menos, dos outros sentidos. Culturas orais ou não escritas tendem
muito mais para expor a realidade em termos auditivos abrangentes, como voz e har-
mony. Seu "mundo" não é tão marcadamente algo espalhado diante dos olhos como um
"Visão", mas sim algo dinâmico e relativamente imprevisível, um evento-mundo rath-
mais do que um mundo-objeto, altamente pessoal, abertamente polêmico, promovendo orientação sonora,
estruturas de personalidade tradicionalistas menos interiorizadas e solipsistas do que as da tecnologia
homem gized. O conceito de visão de mundo pode não apenas interferir com a empatia necessária
necessário para a compreensão de tais culturas, mas pode até ser antiquado para a nossa, uma vez que
o homem tecnológico moderno entrou em um novo compacto eletrônico com som.*

Eu

TSEU PAPEL É dirigido à questão
ção de saber se existem diferenças em
tipo entre o problema de descobrir o
visão de mundo de um contemporâneo tecnologizado
sociedade e o problema de descobrir o
visão de mundo de outras sociedades. Parece que
pode muito bem haver tais diferenças. Nosso muito
uso do conceito de "visão de mundo" anuncia
a probabilidade. Este conceito é recente para
mação, parte do equipamento do postro-
historicismo mântico que, de certa forma surpreendente
conseqüentemente, cresce com a cultura tecnológica.
Sua pronta aplicabilidade a todas as culturas do
passado ou do futuro dificilmente pode ser tomado como
concedido.

Muitas culturas nunca geraram isso
conceito particular. **Eu** suspeito que não cedo
a cultura tem. Em grego antigo e latim, para
exemplo, parece não haver maneira de ex-
pressione "visão de mundo" antes de circunlóquios
tão vasto que é certamente enganador. É um
perda de tempo para procurar uma entrada em
"Visão de mundo" na maioria das palavras inglês-latinas
listas, e se tentarmos algo aproximadamente
acasalando-o, como "perspectiva", descobrimos que
o melhor equivalente latino oferecido é *spes*,
esperança, que pode ser refinada em *bons spes*,
boa esperança e *nulla spes*, nenhuma esperança. este
evoca uma atmosfera totalmente diferente

da "visão de mundo". Podemos tatear
para outros termos-conspecto, talvez, ou
contemplatio ou mesmo animus, opinio, *senten-*
ria de mundo, consilium de *orbe terrarum*,
ou propositum, mas todos eles se mostram remotos
do nosso conceito do século XX. O cu-
rious palavra latina *saeculum*, que produz nossa
"Secular" do inglês é o que mais se aproxima de tudo por
aconteça em seu sentido de "espírito da época", mas
carece de referência subjetiva suficiente: pode-se
dificilmente se referem ao saeculum de um indivíduo.
O grego antigo oferece *fédria*, mas isso também
carece de subjetividade adequada: sugere tanto
teorização abstrata ou um espetáculo público.

"Visão de mundo" é um termo evasivo, mas
quando falamos da visão de mundo de alguém em
qualquer um de seus sentidos, não queremos dizer simplesmente o
mundo se imprimindo em sua resposta passiva
receptores, sensoriais ou intelectuais. **Uma** pessoa
não recebe uma visão de mundo, mas sim
pega ou adota um. **Uma** visão de mundo não é um
dado, um *donne* ', mas algo que o indivíduo
ele mesmo ou a cultura que ele compartilha parcialmente
construções; é a forma de organização da pessoa
obtendo de dentro de si os dados da realidade
vindo de fora e de dentro. **UMA**
visão de mundo é uma interpretação do mundo. este
torna-o evidentemente romântico ou pós-romano
formulação de tique que sugere a ideia de Coleridge
da imaginação dando forma ao companheiro

Página 2

[OW

Mundo como Visão e Mundo como Evento

635

e conceitos amplos e pré-românticos do homem sustentam que a arte que ele cria imita ou espelha natureza, enquanto romântico e pós-romântico conceitos sustentam que ele lança luz sobre natureza, interpretando o mundo. Este romântico conceito depende, como sugerido acima, da tecnologia. A razão é que isso implica um degree de controle sobre desconhecida natureza homem primitivo, um alcançado apenas pelo crescimento de habilidades tecnológicas e ciências físicas que acelera **tão** notavelmente durante o período que vai da alta Idade Média através do Iluminismo. Este crescimento em habilidades tecnológicas não só aumentam amplamente controle tecnológico sobre o externo mundo, mas também permite que o conhecimento se expanda a taxas sem precedentes por meio do desenvolvimento da escrita (que precisa de tecnologia para seus materiais) e de impressão, bem como através do aumento do tempo de lazer. Para homem primitivo, o mundo era algo que ele podia apenas participar, não um objeto para ser manipulado em sua consciência.

Na renda disso, um conceito tão datado pareceria provavelmente mais aplicável a as culturas das quais surgiu do que para culturas anteriores. Descobrimos uma visão de mundo em culturas que falam de visões de mundo e na culturas que não possuem a estrutura para tal conceito pode muito bem ser empreendimentos diferindo em espécie. **Não** pretendo sugerir, no entanto, falando da visão de mundo de uma cultura primitiva é ilegítima. Seria idiota determinar que podemos estudar um determinado cultura apenas em termos que a própria cultura fornece. Isso congelaria o pensamento para sempre. Mesmo no entanto, a distribuição limitada de conceito sugere que o próprio termo precisa ser fechado estudo, especialmente quando é aplicado à culturas removidas daqueles onde é atual renda. Esse estudo pode se tornar muito complexo, e **vou** empreendê-lo aqui em apenas um limitado, atendendo a algumas implicações noéticas condições do termo em relação às condições de armazenamento e recuperação de conhecimento em culturas contrastantes.

II

No entanto, nós separamos ou especificamos,

grande percepção unificadora, e apresenta a unificação ocorrendo em um visual campo. "View" implica a vista, direta ou analógica. O conceito é uma peça com muitas outras metáforas espacialmente fundamentadas que comparamos facilmente nos valem no tratamento da percepção compreensão e compreensão: "áreas" de estudo, "Campo" de investigação, "níveis" de abstração, "frentes" de conhecimento, "ondas" de terest, "movimentos" de idéias, "trens" de pensamento, "bases" para análise e assim por diante indefinidamente. Estamos acostumados a esses conceitos aliações até agora e descobri que produtivo, **então** muitas vezes esquecemos o quanto completamente metafóricos eles são e quanto distantes de experiência cognitiva real. Estudando e topologia ou qualquer outra coisa não dá nenhuma experiência de mover a mente sobre um "área." Ficamos cientes de várias maneiras de interesses alterados, mas não fazemos diretamente experimente uma mudança de interesse como uma onda, se pegamos uma onda tão visualmente ou como percebido aninhadamente. Nem ninguém sempre experienciar diretamente suas idéias como take parte em um movimento. Ideias não são nada móvel nem estático; eles simplesmente não são isso tipo de coisa, embora possamos considerá-los analogamente a um ou outro.

Essas metáforas e outras como elas são útil e além de uma pena dúvida manutenção. Muitos deles têm raízes profundas no passado. Não há nada de novo no exame físico universo como de alguma forma um modelo para a atividade intelectual. O macrocosmo-microcosmo a noção de cosm é antiga e inevitável um, mas as metáforas que acabamos de notar aqui, em incluindo aquela da própria "visão de mundo", presente macrocosmo e microcosmo em uma dimensão tintiva. De uma forma característica de homem tecnologizado moderno, eles levam a mundo físico ao qual se relacionam com consciência como algo percebido visualmente. Os outros sentidos além da visão não contam aqui ou contam muito pouco, com exceção emdo toque na medida em que está aliado à visão em apresentando extensão e na medida em que seja visual a própria percepção talvez nunca ocorra com alguma mistura da imaginação tátil ção. (Toque, como ambos os escolásticos medievais

o termo "visão de mundo" sugere algum tipo de

e os psicanalistas modernos **nos** lembram , é o

Página 3

636

Antropólogo americano

[71, 1969

sentido mais básico, encontrando-se na raiz de todos os outros.) Mas o toque entra nesses conceitos do mundo físico discretamente ou mesmo subconscientemente, porém real e inevitavelmente. Essencialmente, quando a tecnologia moderna o homem pensa no universo físico, ele pensa em algo que pode visualizar em si ou em termos de medidas visuais e gráficos. O universo para nós é essencialmente algo do qual você possa fazer um desenho.

A história dessa assertiva e sobre a todo o visualismo maravilhosamente produtivo é, no geral, bastante conhecido. Habitual-repito para modelos visuais ou análogos é de um peça com a ênfase moderna em "observação" (um conceito que se refere essencialmente a vista; você não pode "observar" um som ou um cheirar, mas apenas ouvir um e cheirar o de outros). Visualismo cresce até seu presente força sob a égide da ciência moderna, particularmente com a aplicação de matemática para a física do século XVII tury ligado. É claro que também tem raízes anteriores, que pode ser discernido na Grécia antiga mas ficou muito mais resistente no meio europeu dle Ages. Em outro lugar (1958), tentei mostrar com alguns detalhes como a escolástica medieval cismo, mais particularmente a escolástica artística em vez de escolasticismo teológico, fosse quantificação definida e visualização como nada antes tinha, e como scholasticismo deu origem ao movimento (lá nós são novamente!) conhecidos no décimo sexto e sétimo séculos XVII como Ramismo, depois de Pedro Ramus (1515-1572). Ramismo gratificou o desejo crescente por quantificado, diagramático tratamento da atualidade. Mas o tipo Ramista da quantificação está relacionada apenas à realidade obliquamente, na melhor das hipóteses. Em vez de aplicar garantias físicas cuidadosamente observadas fenômenos, Ramistas configuram diagramas arranjos do próprio conhecimento em dichodivisões e subdivisões automatizadas ad infinitum.

No entanto, apesar da aberração de Esforços Ramista, história do tempo de Ramus em mostra que pensar no universo como emocionalmente algo visto (e até certo ponto tocado) é altamente recompensador no aspecto físico

ciências. Se é igualmente gratificante em filosofia ou antropologia é uma questão de si dom, se alguma vez, criado. Seja qual for o caso com antropólogos, a maioria dos filósofos de Locke através de Kant e muitos até o os dias atuais não só aceitam a unidade física verso em termos exclusivamente visualistas, mas também tratar o próprio entendimento por analogia com vi-conhecimento sual com a exclusão virtual de analogias com qualquer um dos outros sentidos (Ong 1967: 66-74). O sucesso da visão (observação) e quantificação no físico as ciências encantaram a mente moderna em considerando sua própria atividade como essencialmente como o da visão. Até a última década ou então, havia pouca consciência de que há quaisquer outras opções. Portanto, é provável que pressupõe que a presença do mundo para o homem ou do homem para o mundo deveria ser pensado em termos de uma "visão" do mundo.

Estudos recentes de cultura oral ou pré-letradas, no entanto, trouxeram o fato que outras opções estão realmente abertas. Em particular, o trabalho de psicólogos e psicólogos quiatras relatados por J. C. Carothers (1959), Marvin Opler (1956) e outros quem eles citam, fornece evidências de "audi-síntese histórica." Existem culturas que coragem seus membros a pensarem na universo menos do que fazemos como algo pictur-capaz e mais do que fazemos como uma harmonia, algo mantido unido como um som ou grupo de sons, uma sinfonia, é mantida unida. Estudos teológicos e bíblicos modernos têm tornou um lugar-comum que o antigo He-cerveja conceito de conhecimento expresso por *yadha* ' considera o conhecimento algo como ouvindo - pessoal e comunitário - enquanto o antigo conceito grego expresso em *gigniskii* considera o conhecimento algo como vendo impessoal, fracionamento e analítico. Leo Spitzer (1963) mostrou, no entanto, que os gregos antigos também comumente pensou do mundo como uma harmonia, algo ouvido em vez de algo visto; o universo era algo a que se respondia, como a um voz, não algo apenas a ser inspecionado. Assim como muitos outros povos primitivos. Nós somos nós mesmos dom ciente de quão fortemente audível a sensibilidade

Página 4

ONG]

*Mundo como Visão e**Mundo como Evento*

637

bilidade do homem primitivo poderia ser ou de modo. O homem moderno e não tecnológico ainda o é. Do os muitos conceitos cosmológicos rurais também conhecido em culturas não tecnológicas, o de a harmonia das esferas é talvez o apenas um geralmente familiarizado hoje com a tecnologia homem ogizado, mesmo em círculos eruditos.

Claro, o universo físico é tanto visto e ouvido e é tocado, cheirado e provado também. Mas cada um dos vários sentidos tem uma economia própria, e cada impingos no mundo da vida humana de forma diferente, particularmente no que diz respeito à conscientização de terioridade e exterioridade.

A visão apresenta superfícies (é ligada a luz refletida : luz vinda diretamente de seu fonte, como fogo, uma lâmpada elétrica, o sol, bastante nos deslumbra e nos cega); cheiro sugere presenças ou ausências (sua associação com memória é um lugar comum) e está conectada com a atratividade (especialmente sexual) ou repulsa de corpos dos quais se está perto ou qual está procurando ("Eu o cheirei"): o cheiro é um sinal de ir ou vir. Daí "It fede "expressa rejeição ou rejeição máxima pulsão: nem mesmo chegue perto - o mais longe longe, melhor - nem mesmo pense nisso. O gosto acima de tudo discrimina, distingue o que é agradável ou desagradável para intus-suspeita pelo próprio organismo (comida) ou psique (gosto estético). O som, por outro lado, revela a interior sem a necessidade de invasão física sion. Assim, batemos em uma parede para descobrir onde ela é no interior oco, ou que toca uma de cor prata moeda para descobrir se é talvez chumbo em lado. Para descobrir essas coisas pela vista, nós deve ter que abrir o que examinamos, make dentro para fora, destruindo seu interior ioridade como tal. O som revela interiores porque sua natureza é determinada por re-relacionamentos. O som de um violino é determinante extraído pela estrutura interna de suas cordas, de sua ponte, e da madeira em seu som placa, pelo formato da cavidade interna em o corpo do violino, e outros interiores condições. Preenchido com concreto ou água, o violino soaria diferente [Ong 1967: 117-1 181.

O toque atesta a "realidade objetiva" no sentido de algo fora que não sou eu.

Dr. Johnson deixou isso claro quando ele entendeu levou para refutar Berkeley com tato - uma vez que um sentiu o contato com uma pedra que foi chutada

o pé, idealismo, pensou Johnson ou pré-tendido, estava condenado. Seu estado de espírito persists e sem dúvida sempre persistirão. "Real como esta pedra ", dizemos, sentindo-nos agarrando-o com o punho, na realidade ou em imaginação. Pelo toque nos asseguramos que a pedra está aí, é objetiva, pois, mais do que outros sentidos, o toque de fato atesta existência que é objetiva no sentido de real-mas-não-eu.

E ainda, pelo próprio fato de que atesta o não-eu mais do que qualquer outro sentido, toque em envolve minha própria subjetividade mais do que qualquer outro sentido. Quando eu sinto esse objetivo, alguma coisa "lá fora", além dos limites do meu corpo, eu também na mesma experiência instantânea meu próprio eu. Eu me sinto diferente e auto-simultaneamente [Ong 1967: 169-170].

I 11

Esses exemplos podem nos lembrar de "Mundos" que muitas vezes negligenciamos em nossa compromisso com a visão. Como era o "Mundo" como a uma cultura que tomou realidade em termos mais auditivos, menos visuais do que aqueles aos quais estamos acostumados? Confiante para apoio em um tratamento muito mais longo de meu próprio (1967) que por sua vez se baseia no trabalho de muitos outros, tentarei uma soma lista de Maria e descrição de quatro salientes recursos. (Quando digo "características salientes", que ou seja, recursos que "se destacam" ou, mais precisos ou seja, "pule para fora", eu traio meu próprio visual ou viés visual-tátil. Uma expressão mais aural podem ser "qualidades assertivas".)

D y nam'sm

O mundo de uma forma predominantemente oral ou oral cultura auditiva é dinâmica e relativamente pouco previsível, um mundo de eventos em vez de um mundo-objeto. O que estamos chegando aqui pode ser entendido em termos da natureza de som em comparação com outras percepções sensoriais ções. O som é em si necessariamente um evento da maneira em que o objeto de nenhum outro sentido é.

O som sinaliza o uso atual do poder, uma vez que o som deve estar em produção ativa em a fim de existir. Outras coisas que sentimos pode revelar o uso atual real do poder, como quando se observa a movimentação de um pistão em um motor. Mas a visão pode revelar também meras quiescência, como em uma exibição de natureza morta. O som pode in-

duce repouso, mas nunca revela quiescência. Isso **nos** diz que algo **está** acontecendo. Em seu *Som e símbolo*, escrevendo sobre o efeito de música, Victor Zuckerkandl observa que, por contraste com a visão e o tato, os registros de audição força ters, a dinâmica. Isso pode ser por-recebido por outros motivos também. Um primitivo o caçador pode ver, sentir, cheirar e saborear um elemento-fantasma quando o animal está completamente morto. Se ele ouve um elefante trombeteando ou simplesmente shuf-atirando os pés, é melhor ele tomar cuidado. Alguns-coisa **está** acontecendo. Força está operando [Ong 1967: 1121.

Além disso, a voz é para o homem o paradigma de todos os sons, e para eles todos os sons tendem a ser assimilado. Ouvimos a voz do mar, a voz do trovão, a voz do vento, e a tosse de um motor. Isso significa que o dinamismo inerente a todo som tende a ser assimilado ao dinamismo do humano sendo, um imprevisível e potencialmente perigoso gerous dinamism porque um ser humano é um agente livre e imprevisível.

Tradicionalismo

O mundo de uma forma predominantemente oral ou oralantes que a escrita desenvolva plenamente sua própria economia de noética e expressão, esses heróicos figuras tornam-se tipos abstratos quase científicos (escrever torna a ciência possível). Tais são as virtudes e vícios da moralidade medieval peças ou as figuras relacionadas de Ben Jonson drama e comédia do século XVIII. Sta-capacidade de caráter ajuda a ancorar o conhecimento para recuperação em um mundo oral. Se Nestor for sempre sábio, em torno de uma história sobre Nestor pode ser agrupado o que os gregos sabiam e poderia mais tarde tratar mais cientificamente como sábio dom. **O** astuto Odisseu serve para armazenar e recuperar o que era conhecido sobre astúcia, Aquiles o que se sabia sobre bravura, e **assim por** diante. No interesse de estabilizar o conhecimento vantagem, as culturas orais dão grande importância afirmações comuns consagradas na população lares provérbios ou provérbios e de apotegmas em-homenageado a pessoas famosas. O povo oral quer **Eu** não consigo parar de uma palavra como eu pode um movimento. Pica-ouvir as declarações preciosas do passado. "Conte-nos algo do contos antigos." As notas mais altas são dadas a su-desempenho perlativamente habilidoso do ex-pectado, e há pouco ou nenhum interesse em "Originalidade" ou "criatividade", como cresceu

Estudos recentes, muitos envolvendo massivos gravações de apresentações orais, velei os processos noéticos das culturas orais como nunca antes. Nós podemos apenas resumir aqui alguns pontos relevantes na nova descoberta erias, pontos que serão encontrados explicados em mais detalhes em obras mais longas (Lord 1960, Havelock 1963, Yates 1966, Ong 1958 e 1967, Chadwick e Chadwick 1932-1940).

Uma cultura oral, devemos lembrar nosso-eus, é aquele em que nada pode ser "olhou para cima." Palavras são sons e sons existem apenas quando eles estão deixando de existir. **Eu** não consigo parar de uma palavra como eu pode um movimento. Pica-ouvir as declarações preciosas do passado. "Conte-nos algo do contos antigos." As notas mais altas são dadas a su-desempenho perlativamente habilidoso do ex-pectado, e há pouco ou nenhum interesse em "Originalidade" ou "criatividade", como cresceu

palavras. Homer expressa essa consciência quando ele canta palavras "wing6d". No ao mesmo tempo, as culturas orais consideram as palavras mais poderoso do que nós, provavelmente no última análise porque enquanto interpretamos movimento como instabilidade, eles são intensamente ciente do momento do som como sinalização uso do poder. As palavras **voam**, o que significa que eles não apenas se movem, mas o fazem **com** energia.

Como para guardar o conhecimento estável é, assim, uma problema principal em uma cultura oral. Nós sabemos agora as linhas gerais ao longo das quais o problema problema está resolvido. Basicamente, a solução é padronizar o enunciado, tornando-o altamente "tra-dicional." Em contraste com a expressão verbal sion, que é composta por escrito, versão oral balização é temática e formulário, preenchido com epítetos (padrão, qualificadores esperados), prolífico de figuras heróicas (fixas, "pesadas", indivíduos mais ou menos simbólicos, preveem capaz de desempenho, quase totalmente livre de qualquer desenvolvimento de personagem). Ao escrever substitui a verbalização oral, mas seja

de noética e expressão, esses heróicos figuras tornam-se tipos abstratos quase científicos (escrever torna a ciência possível). Tais são as virtudes e vícios da moralidade medieval peças ou as figuras relacionadas de Ben Jonson drama e comédia do século XVIII. Sta-capacidade de caráter ajuda a ancorar o conhecimento para recuperação em um mundo oral. Se Nestor for sempre sábio, em torno de uma história sobre Nestor pode ser agrupado o que os gregos sabiam e poderia mais tarde tratar mais cientificamente como sábio dom. **O** astuto Odisseu serve para armazenar e recuperar o que era conhecido sobre astúcia, Aquiles o que se sabia sobre bravura, e **assim por** diante. No interesse de estabilizar o conhecimento vantagem, as culturas orais dão grande importância afirmações comuns consagradas na população lares provérbios ou provérbios e de apotegmas em-homenageado a pessoas famosas. O povo oral quer **Eu** não consigo parar de uma palavra como eu pode um movimento. Pica-ouvir as declarações preciosas do passado. "Conte-nos algo do contos antigos." As notas mais altas são dadas a su-desempenho perlativamente habilidoso do ex-pectado, e há pouco ou nenhum interesse em "Originalidade" ou "criatividade", como cresceu

com o fenômeno tipográfico tardio chamada de era romântica.

Acostumados como estamos às condições noéticas, onde praticamente tudo que os homens já soube que pode ser "pesquisado" em uma página designada em um livro localizável em um prateleira especificada em uma biblioteca, esquecemos como natural e inevitável a exploração oral de material comum é. Em uma sociedade em que articulam declarações ou declarações sobre um assunto não pode ser "pesquisado" (todos embora aides-memoire visual, como cintos wampum ou fotos de inverno podem ser usado), mesmo o esperado não é tão esperado como é para nós. Está disponível apenas quando está sendo recitado. E é preciso tenha certeza de que ele pode ser recuperado por recita-Con on demand. Sob tais condições, o papel de um poeta, por exemplo, pré-letrado Grécia homérica, como Eric Havelock (1963) mostrou com belos detalhes, não é simplesmente o de um artista. O poeta também é um re-chamador e um repetidor; se ele e outros gostarem ele não estava por perto, que conhecimento o a sociedade simplesmente desapareceria. O orator participa do papel do poeta. Ele deve igualmente lidar com o lugar-comum, o esperado, o já conhecido, bem como em os problemas específicos com os quais problemas forenses ou deliberativos envolvem ele.

Agora estamos cientes de quão conservativo, quão fixo, quão essencialmente repetitiva a poesia e a oratória de uma sociedade oral são. Homer, estudos recentes (Lord 1960 e outros citados lá) têm mostrado, é composto quase totalmente de clichês. Todo mundo está familiarizado com seu "vinho-mar escuro" e "madrugada de dedos rosados". Estes estão entre os epítetos mais trabalhados. Mas um estudo tabulador atento do texto mostra que virtualmente todas as imagens em Homer, linha após linha, é desse tipo. Poetas épicos cantam de temas padrão - a chegada da mensagem, a convocação do conselho, a festa, o armamento do herói, a descrição de o escudo ou espada do herói, a outra armadura, a jornada, o desafio, o combate, o espoliar o inimigo derrotado, e assim por diante.

E eles cantam esses temas em fórmulas ou elementos formulares que eles têm acumulado mulado aos milhares. Um cavalo, para fabricate um exemplo inglês que torna o ponto claro, é um "corcel negro como carvão", um "roan-corcel vermelho", um "corcel branco como a neve", um "rápido língua cinza", uma "montaria cinza-manchada" (uma sílaba extra), um "garanhão dapple-grey" (duas sílabas extras) e assim por diante. Se um cavaleiro precisa de um cavalo, o cantor tem uma série de opções que ele pode trotar de sua memória, a lnietricamente aproveitado e pronto para ir. E o mesmo acontece com tudo o que ele lida.

É por isso que, como Albert B. Lord (1960), continuando o trabalho de Milman Parry, encontrado com cantores épicos orais da Iugoslávia moderna, um cantor pode repetir um épico de uma hora de duração depois de ouvir apenas uma vez. Essencialmente todos os cantores têm a mesma temática e equipamento estereotipado - embora cada um vai tem suas próprias peculiaridades em sua gestão e é simplesmente uma questão de colocar ajustar o equipamento para trabalhar em um novo conjunto de personagens e situações. (Claro, até hoje toda narração é sempre temática, incluindo o tipo mais sofisticado de pre-historiografia dos dias atuais, para a única maneira de corte verbalmente na web ininterrupta: a história é levantar certos temas; mas os temas do épico oral são muito mais fixos e limitados em número do que aqueles de escritores de hoje.)

A memória em uma economia noética oral é nunca literalmente em qualquer escala apreciável. Lord (1960) mostrou isso como uma indisputa fato notável no caso do prodigiosamente memória habilidosa do épico iugoslavo cantores; gravações mostram que eles nunca cantam qualquer épico exatamente da mesma maneira duas vezes, apesar seus protestos (também registrados) de que eles *Faz. Eu* revi em outro lugar (1967) o evidência - ou, melhor, a total falta dela - que *nos* leva a acreditar que nenhuma cultura oral no mundo atinge a memória literal para longas passagens de qualquer coisa. Mas a memória oral *ory* é, no entanto, tenaz e preciso; isto está bloqueado nos temas e fórmulas. E isso é extenso. Ouvintes inocentes de quiro-culturas gráficas e tipográficas, quem eles-

textos, são susceptíveis de pensar que uma pessoa pode capaz de recitar ex tempore milhares de versos em um medidor altamente complexo deve ter memorizado o material palavra por palavra. O fato é que essas pessoas têm em seu estoque de expressões milhares e milhares de frases que se encaixam na métrica padrão padronizar. Eles são "rapsodizadores" ou "costureiros," como os gregos os chamavam (*rhuptein*, 'para costurar,' a partir do qual *rhapsóidein* deriva). É significativo que este tipo de posição apresenta medidores complexos, mas não rima, o que seria muito mais desumano viável.

Ainda hoje a "sensação" de uma tradição oral para temas e fórmulas imutáveis ainda é acessível ao homem pós-tipográfico que está familiarizado com a narração de histórias de fadas para crianças. Aqui não há dúvida de um autor original ou de originalidade ou de narrativa a história cada vez exatamente da mesma palavras. Mas a história permanece em seu elemento básico bastante estável, e o público espera a história como um todo e seu elemento de formulários sejam os mesmos cada vez que for contada. Qualquer um que em repetir a história de *O Três porquinhos* para um público jovem varre o número de três a quatro ou sete irá imediatamente encontrar resistência de seus ouvintes. E as fórmulas, uma vez proferidas, são sacrossanto. Eu mesmo fui puxado por um cinco anos atrás, por dizer: "Ele bufou e bufou, e bufou e ele bufou "em vez do esperado." Ele bufou e ele bufou, e ele bufou e ele bufou."

Oratória, a outra grande forma de arte oral, recria uma improvisação oral ou rapsódia ("costura") muito tempo depois do aparecimento da escrita (Ong 1967). Cícero escreveu suas orações somente depois que ele os entregou, que é, executou-os. Oratória como forma oral procedeu da mesma maneira que épico, explorando os lugares-comuns ou *locais comuns* implacavelmente, como o "0 tempora! 0 mores!" que eram suas "coisas-vão para o pote" e outros comparáveis manchas roxas pré-fabricadas sobre desonestidade, valor, uma noite escura, muito tempo e assim por diante.

resíduo oral ao longo da era de Shakespeare (que pode ser citada porque é composta de citações elaboradas, reequipadas e fornecidas sua ressonância final por sua voz mestre) e bastante forte no século XIX tury. Permanece em alguma oratória política ainda hoje, particularmente em não tecnologicizadas culturas, onde "fomentadores da guerra capitalistas", "Colonialismo" e temas semelhantes, seja qual for sua validade, são repetidos com uma persistência nauseante para o homem tecnologicizado, mas com completamente de acordo com o antigo noético oral padrões.

Os procedimentos noéticos ilustrados por épico e a oratória se estendem por toda a economia omnia de uma cultura completamente oral, como Lock (1963) apontou. Oral Homérico A Grécia contrasta aqui com o moderno do Senhor Jugoslávia, onde poetas épicos orais constituem apenas uma subcultura em uma sociedade administrada por letrados e uma subcultura cada vez menor, como Lord observa (1960), uma vez que a alfabetização crescente é destruindo-o. Um poeta oral deve ser analfabeto ou ele vai fazer a correspondência escrita ou textos impressos, destruindo assim todo o economia oral de desempenho. Em contraste com Jugoslávia moderna, a Grécia de Homero não incluiu apenas uma população de analfabetos, cantores épicos altamente qualificados, mas também eram ministrado de alto a baixo por analfabetos. Em tal uma sociedade de costura ou tecelagem de elementos temáticos e de formulário que o cantores épicos praticados era uma habilidade necessária para funcionários públicos também, embora não para os mesmos diploma de especialização. Se um oficial quisesse receber uma mensagem substancial de Ítaca para Argos, ele teria que lançá-lo em algum forma mnemônica ou um mensageiro analfabeto nunca seria capaz de entregá-lo.

A economia de fórmula fixa de um oral a cultura, claro, governa não só o que pode repetir, mas também o que pode saber. Homem sabe o que ele pode lembrar - tudo o mais é tão efêmero quanto a ser insignificante. Em uma cultura oral certa, isso significa que ele sabe o que é lançado em padrões temáticos e de formulário fixos. Qualquer outra coisa parecerá irreal, não saber borda, repreensível e perigoso. Isto é a base noética para o tradicionalismo

Página 8

ONG]

Mundo como Visão e Mundo como Evento

64 1

decorrentes de culturas orais. O que não é elenco tradicional em temas reconhecidos e fórmulas - é perigoso porque é escorregadio -

tenda que muitas vezes deixamos de apreciar. A lista de os navios na *Iliada* (ii. 494-875) é **prob-** habilmente a coisa mais próxima de um diretório nacional

que não gosta do não tradicional porque, além de seus meios limitados de controle, advertendo a fragilidade de seu controle sobre o ato alidade. Somente durante a manutenção de registros, primeira-quiografia e muito mais eficazmente por impressão, conhecimento ancorado no espaço para recuperação visual fácil poderia tradicionalismo ceder a um relacionamento mais flexível com o mundo e uma compreensão mais flexível de o que o mundo é.

Polemismo

O mundo de uma cultura predominantemente oral-aural tura é altamente pessoal e polêmica, pelo menos em parte por causa de sua oralidade. Embora isso não significa que qualidades polêmicas em as primeiras culturas também não podem ser relacionadas a características além da oralidade, não é totalmente impossível que todos os outros recursos em alguns forma ou outra se relacionam significativamente com a oralidade, tornando-o o principal componente em um complexo de causas.

Sem registros, as culturas orais têm bastante meios limitados de armazenamento de conhecimento por categorização no que podemos chamar de científico ou moda altamente abstrata. O desenvolvimento de corpos de conhecimento do tipo que chamamos de artes e as ciências têm que esperar pelo advento de escrevendo. Embora esteja felizmente fora de data para dizer que o homem primitivo não tem ideia de causalidade, é verdade que cadeias complexas de a causalidade o ilude. *A* é causado por *B*, *B* por *C* e *C* por *D*, mas *D* acontece porque Zeus estava irritado com Atena. Isso significa, na verdade, "Eu passo." Quando a causalidade divina é posteriormente analisado em uma tradição cristã sofisticada, não ajuda em nada na contabilidade física para fenômenos físicos. Ele opera em um outro nível.

A estrutura conceitual e verbal mais ampla em que o homem oral-aural armazena o que ele sabe que consistem em grande parte de histórias que ligar a ação humana e a interação do homem e do homem. Assim, o *Iliad* e o *Odisséia* não funciona apenas como entretenimento histórias, mas também como enciclopédias para um ex

que uma cultura oral poderia produzir. Onde seria esse material seria verbalizado? Sim da mesma forma, a descrição da construção naval no *Odisséia* (v. 225-261), quando Odisseu é ificpofonje de Circe, é a coisa mais próxima a um manual de construção naval que uma cultura oral ture saberia. Onde mais em uma cultura sem escrever, o método de construção como um navio pode ser articulado? Talvez em uma oração, mas orações foram construídas em muito da mesma forma que os poemas épicos eram. o que encontramos em Homer ou em um manual de construção naval hoje dificilmente seria recitado por um navio-wright que aprendeu e ensinou seu ofício por um sistema de aprendiz.

Seja em uma narrativa épica ou em uma oração construída em torno de alguma resposta pessoal esperada material simples, factual e até técnico descrição, portanto, foi armazenada e recuperada por sendo construído no mundo da vida humana. Ob-lidade, e fatos objetivos não habitavam um seção isolada da realidade supostamente totalmente juntos separados do contato com "subjetividade" humana ou relevância pessoal, agnificam para o homem tecnologicado moderno. Tudo fazia parte da atividade humana, mais ou menos objetivo e subjetivo simultaneamente instantaneamente.

Da mesma forma, de uma forma ou de outra tudo foi envolvido na polêmica de a luta da vida humana. A ação do figuras heróicas geradas em uma economia oral da narração consistiria naturalmente na raiz de uma batalha entre as forças do bem e do mal. Quando assim grande parte do lore de uma cultura foi arado por meio de contos narrativos ou canções sobre grandes heróis, até mesmo o que outro - sábio ser material completamente neutro, portanto, exigia um sabor moral por associação com o polêmica ou *agonizante* do herói e seu adversário sários. O mundo inteiro, portanto, tendeu a ser polarizado em termos de "mocinhos" e "maus caras" e mais tarde em termos de pessoa abstrata ficções de virtudes e vícios (pelo menos em Culturas da Europa Ocidental em torno do meio Idade, quando a escrita era encorajadora, extração, mas ainda não tinha esmagado domi-

Página 9

642

Antropólogo americano

[71, 1969

estruturas nativamente orais). No altamente moral clima de canção heróica catálogo *da Iliada* de navios, portanto, não é apenas uma direção nacional história, mas, do tecnicamente retórico ponto de vista, é também um encômio ou "Louvor" dos gregos: os líderes gregos

da Europa medieval e renascentista. Mas o suficiente foi vendido aqui a partir do estudos mais substanciais para dar alguns indícios ção das raízes noéticas da polêmica na oralidade culturas.

Era contra o mundo pessoal inerente

e seus seguidores são "mocinhos". Aprender em si ocorre em um ambiente agonístico sob essas condições orais-aurais. Puberdade ritos das sociedades primitivas correspondem em muitas formas de educação acadêmica em mais desenvolvimento culturas abertas. Através dos ritos de puberdade, os jovens são iniciados na tradição do tribo, seus mitos e herança intelectual, como bem como em suas várias habilidades. Nesta tradição ob-fato subjetivo e o mundo subjetivo do homem penetrar. No processo de aprendizagem do jovens são frequentemente submetidos a terríveis tormento físico, o que dá seu novo conhecimento seu tom agonístico necessário.

Por uma extensão das práticas orais em sociedade alfabetizada e até mesmo por um tempo em sociedade tipográfica primitiva, o elemento agonístico na aprendizagem é perpetuado através do artes da retórica e dialética, que governam preocupou toda a prática acadêmica da antiguidade através do Renascimento. Durante o período ninguém jamais foi formalmente ensinado a objectividade, embora muitos sem dúvida o fizeram consegui-lo à sua maneira. Um estudioso era ensinado a defender uma posição que tomou ou para atacar a posição de outro; retórica por-força e debate dialético governaram todos assuntos. A verdade era uma possessão humana, para ser defendido como sua própria vida. Este longo persistência de quadros de referência agonísticos sugere o quão profundamente polêmica tem sido mundo da vida do homem oral.

Mais poderia ser dito sobre a polêmica estado de espírito e sua conexão com um economia da escassez, com a situação linguística ação que fragmentou a maior parte da humanidade em pequenos grupos hostis a estranhos, com o aceitação comum da guerra como a perma-estado atual da existência humana, com o punições crivelmente duras, incluindo execução mesmo para infrações menores, encontradas no início conquistar estados e alguns outros primeiros sociedades, incluindo as sociedades residualmente orais

partiu da pré-escrita da Grécia que a filosofia de Platão a filosofia tomou forma, como Haverock (1963) tem mostrado circunstancialmente. A expulsão de Platão de os poetas de sua República e sua propaganda das "idéias" são os dois lados do mesmo moeda. Sua expulsão dos poetas foi sua recuperação jecção da velha *paideia*, na qual a aprendizagem era basicamente oral, apenas ligeiramente modificado por escrevendo; a *Iliada* e a *Odisséia* foram aprendidas de um texto escrito. O aluno foi feito para identificar-se com figuras heróicas em um mundo de vida em que todas as coisas, mesmo os fatos objetivos, eram apanhados. As ideias de Platão lançaram o novo mundo, o oposto do antigo, que seu at-rumo aos poetas proscritos, O velho mundo tinha dado muito valor às atividades do homem e luta humana como o foco ou eixo de todos realidade. Onde o velho mundo era quente e humano, as "idéias" ou "formas" de Platão (*Ideia* grega, 'esboço': um conceito baseado em percepção visual) eram frios e abstratos; onde o velho mundo era móvel, cheio de eventos, visualizado como narrativa é muitas vezes vi-resumido, mas não visualizado em explicativo, moda analítica. A visão da narrativa era um redemoinho de atividades emocionantes. Em contraste, Plas novas idéias de to eram imóveis, a-históricas; onde a visão antiga continha todo o conhecimento em um cenário humano concreto, o novo traçado tudo para o abstrato, o sobrenatural, o totalmente objetivo, o fixo, modelado uma figura imóvel visualizada em um movimento menos campo.

Estruturação da Personalidade

Nas culturas orais, o mundo externo configura e colide bastante com as estruturas da personalidade diferente do nosso. Os estudos clínicos relatado por Carothers (1959) e Opler (1956) correlacionam psicológico definido ou estruturas de personalidade com diferenças ser-analfabetismo entre adolescentes (estudado muito bem em o globo) e alfabetização (conforme representado apenas

Página 10

ONG]

Mundo como Visão e Mundo como Evento

643

por escrita alfabética, não escrita de caracteres como o chinês, que pode produzir um terceiro, estrutura intermediária de personalidade). A diferença nas estruturas psicológicas pode ser resumido observando que em oral culturas esquizofrenia virtualmente nunca manise feste pela sistematização delirante, isto é, por sonhar acordado sistemático, por construindo um mundo privado, imaginário e irreal

cultura oral não há estudo privado. A aprendizagem é comunitária, a menos que seja alcançada nas mãos do mais perigoso e pior dos professores, experiência crua.

IV

Script e imprimir, com tudo o que eles envolvem, transformaram o mundo oral no um que conhecemos hoje, ou pelo menos naquele

em que os problemas são resolvidos ou não existente. Quando sujeito ao tipo de tensão que produz comportamento esquizóide, o analfabeto comeu de uma cultura oral (analfabetos de culturas letradas não são totalmente analfabetas, pois eles experimentam os efeitos da alfabetização cariosamente) reage, também, perdendo contato com realidade. Mas seu padrão típico é uma saída quebra de intensa ansiedade e hostilidade e desorganização psíquica que se mostra em extrema violência contra outros e alguns vezes para si mesmo; Atributos de Carothers o padrão para a falta de defesas do ego devido a dependência tribal do grupo. o surto de ansiedade e hostilidade é tumulto, que é um fenômeno regular em muitas culturas orais e que é representado pelo antigo Guerreiro escandinavo que enlouquece ou o guerreiro do sudeste asiático que foge do controle bem como por amotinados congolezes mais recentes, cujo comportamento é interpretado por seus próprios cultura como lamentável, mas inevitável. O absente do sistema delirante esquizofrênico zação parece ser o correlativo do a incapacidade do indivíduo de se isolar e seus processos de pensamento do grupo, de a tribo, das maneiras que se tornam possíveis pela primeira vez com a leitura. (A mudança para a leitura, porém, não faz recuo o único recurso dos esquizofrênicos: em liter-também, a violência pode ocorrer, talvez como um resposta mais primitiva.) Tão físico quanto privacidade pessoal é, na melhor das hipóteses, um luxo raro em culturas orais, tribais, tão psicológicas com a retirada é infrequente ou mesmo impossível em tais culturas. O pensamento não é avançado por Aristóteles ou Einsteins ou outro indivíduo descobridores, mas segue em frente com glalenticidade social; todos devem avançar para juntos. Devemos nos lembrar que em um

que conhecemos há alguns anos. Script, e particularmente o alfabeto, com verificou o mundo de eventos dinâmico no qual homem oral-aural armazenou seu conhecimento em um mundo do registro visual estático. Muitos, talvez mesmo todos, os povos primitivos dão muito valor visão, mas o alfabeto distorceu o próprio som em um molde visual. O alfabeto triunfou apenas lentamente e nunca inteiramente, mas inexorably. Imprimir, travando palavras na mesma colocar em milhares de cópias de um livro e tornando assim a indexação e recuperação em formação possível a um grau totalmente conhecido na cultura manuscrita pré-tipográfica tura, consolidou o trabalho do alfabeto na redução do som evanescente ao repouso do espaço.

A conversão de totalmente oral para a vocalização amplamente visualizada demorou muito tempo, embora seu sucesso fosse inevitável. Três mil anos e mais após o invenção do primeiro script (cerca de 3500 BC) e mil anos após o invento do alfabeto (cerca de 1500 aC), a antiguidade clássica permaneceu amplamente oral. *Está* modos de composição ainda eram amplamente baseado nos lugares-comuns e na oração, mesmo em gêneros como a historiografia. Está postura era polêmica, seu objetivo educacional o formação do *rhetor*, o *orador*, o público alto-falante, equipando-o para o combate verbal. A Idade Média era muito mais textualmente orientado do que a antiguidade e ainda por nosso padrão dardos ainda impossivelmente orais. Suas universidades aplicou-se a textos como o homem nunca tinha antes, e ainda o teste de intelecto realização real nunca foi escrevendo, mas sempre por *agonia* oral ou debate dialético. Até mesmo o Renascimento, que culminou no impulso medieval em direção à palavra escrita por

Página 11

644

Antropólogo americano

[71, 1969]

produzindo a imprensa e moderna erudição textual, ainda se sentia comprometida em princípio e com um grau surpreendente de atualidade à cultura oratória do clássico antiguidade. **Como** me comprometi a soletrar em grande detalhe (1967), toda a cultura ocidental permaneceu significativamente oral até bem dentro a era romântica, apenas relaxando lentamente manter em tradicionalismo ea polemicismo marcando a sociedade oral e a personalidade estrutura.

Especialização em conceitos visualmente baseados assim, parece ser um sinal de progresso ser porque eles fornecem informações preferenciais de um classificar de outra forma indisponível. Não faz muito sentido dizer que não devemos examinar ine uma cultura oral em termos do nosso conceito de uma visão de mundo porque uma cultura oral tendia a sintetizar menos em termos de visão e mais em termos auditivos do que nós. Para pelo mesmo motivo, a cultura oral era de fato bastante incapaz de se analisar ou qualquer-outra coisa nas maneiras que se tornaram conhecidas

V
À luz da explicação anterior, que é desconfortavelmente incompleto, mas não pode ser ampliado aqui, podemos refletir sobre o aplicabilidade do conceito de visão de mundo para culturas anteriores. É um mundo oral indevidamente distorcido por ter aplicado a ele o conceito de "Visão"? São as próprias diferenças que marcam fora do nosso, assim obscurecido? o síntese visual, o conceito endossa certamente torna o conceito compatível com o psique desenvolvida em um contexto de escrita e impressão e design tecnológico. Nós levamos muito prontamente para sintetizar "mundo" como alguns tipo de imagem. Mas esse mesmo tipo de síntese de alguma forma vicia o que fazemos mundo da vida do homem anterior?

Talvez não possamos fazer de outra forma. Freudians há muito apontam que para pensamento e civilização para avançar, o homem deve minimizar os sentidos de proximidade de tocar, provar e cheirar e maximizar o sentidos de audição e visão. Os últimos são mais abstratos, pois relatam objetos que pode ser e até certo ponto deve estar em um maior distância do observador. Tocar requer contato, que o globo ocular não pode tolerar. Assim, a audição e a visão mantêm o individual e o objeto de percepção bem distinto. (O toque inclui a percepção de auto-tocante, muito mais do que ouvir inclui um sentido de auto-audição ou visão uma sensação de auto-visão.) Dos dois, a vista é mais abstrata e, portanto, mais "objetivo." A história dos últimos dias da civilização zação implicou um movimento marcante do sentido do mundo aural para o visual.

sível e até obrigatório para nós. No entanto, podemos perguntar se somos não muito exclusiva e irrefletidamente ex-Plotando modelos visuais hoje para a negligência de análogos dos outros sentidos. Na medida em que compreensão do mundo da vida de um dado cultura requer participação nela, ou um tipo de empatia por ele, o hipervisualismo do nosso sensorio pode até certo ponto nos desqualificar para compreender qualquer unidade de uma cultura anterior tura pode ter conhecido em sua relação com realidade.

VI

Finalmente, nosso hipervisualismo pode já ser antiquado. Pode atrapalhar nosso entendimento de nosso próprio mundo de vida enquanto ele está se reorganizando se hoje e para o futuro imediato ture. Se for verdade, como sugeri mais- onde (1967; ver também outros aí citados), que estamos entrando em uma nova era de som, podemos nos perguntar se o termo "mundo visão" por si só é adequada para conceituar o tipo de unificação homem das gerações vindouras experiências vão experimentar ou tentarão realizar. A nova era em que já entramos é marcada por um aumento sem precedentes mentação de dispositivos de comunicação de som. Vivemos cada dia sucessivo em uma mundo oral ingente. Suplementos de telefone let-redigindo, o rádio torna a voz presente em todos os lugares o mundo simultaneamente, televisão (muito mais um dispositivo auditivo do que seu nome sugere) faz o mesmo, transporte rápido multiplicou o confronto pessoal em convenções, grupos de discussão e assembleias bles de todos os tipos. O sonar é usado até mesmo para pegar

Página 12

ONG]

Mundo como Visão e Mundo como Evento

645

peixe. À medida que o som ganha, de certa forma, a visão é rebaixado. Com radiotelescópios e televisão terplanetária mediada por códigos de números binários, o uso de todos tipos de sondas não visuais complexas em análise cal e química, e outras semelhantes desenvolvimentos, o uso direto da visão está em o declínio na ciência. Nosso oralismo profundamente difere daquele do homem pré-alfabetizado, pois é programado por meios que incluem a escrita e imprimir. Mas, ao mesmo tempo, somos frequentemente mais eficazmente oral do que o homem primitivo, que não poderia fazer a voz de um indivíduo ser ouvida em todos os quadrantes do globo simultaneamente.

Até que ponto nosso novo oralismo torna nosso

é hippies tradicionalistas de um novo tipo? Ou de um tipo reverso? Seu impulso para se conformar ismo está marcado.

Além disso, o elenco pessoal e polêmico de o oralismo pré-alfabetizado é representado apenas por par- especialmente na situação atual. Personalismo é realmente estressado. O protesto contra mim- a canalização é uma das muitas manifestações ções de atenção para a pessoa como tal; outras manifestações são o crescimento do solo seling em todas as suas formas, a proliferação de grupos de discussão de todos os tipos, o culto do outsider, o estudo da dinâmica de grupo e relações de grupo e assim por diante. Novamente, em compassado ao anterior espontâneo ou irrefletido

cultura como a do primeiro homem oral-aural, homem antes do advento da escrita? Marshall A declaração de McLuhan de que vivemos em um “Aldeia global” tornou-se um lugar-comum. Mas é um ponto comum gnômico e paradoxal Lugar, colocar. Pois o que é global não pode ser um vilage, com o sentimento da aldeia de um grupo proporcionando abrigo do exterior maior mundo. Não existe mais um mundo exterior.

Quando examinamos a situação presente para evidências das quatro características dos primeiros cultura oral-aural que observamos acima (há outros recursos, é claro, além de estes), encontramos alguns correspondências e algumas diferenças marcantes. Primeiro, nosso mundo atual se tornou um evento mundo a um grau significativo e autoconsciente. Culturas pré-alfabetizadas estavam imersas em um mundo de eventos por causa de sua incapacidade de estrutura de conhecimento diferente de seres humanos. Nós construímos um mundo de eventos autoconsciente e programaticamente para fortalecer o ser humano em um mundo cheio de estruturas objetivas da mente. E nós fazemos assim, como **eu** tentei mostrar em outro lugar (1962: 223-229, 1967: 87-110), por exploração do som.

Por outro lado, nosso mundo é certamente não tradicional da maneira em que o antigo mundo oral-aural era. Contamos com muitos registros e muito exaustivo conhecimento histórico borda para precisar desse tipo de suporte. Mas é há algum tipo de novo tradicionalismo entre **nós**? Fadismo, talvez? São beatniks

personalismo, o nosso é reflexivo e programático matic. Isso o torna menos humano e de outra forma mais humana. Mas o polêmica associada a idosos, feudais, perestruturas sonalist está faltando. Apesar do nosso muito conflito divulgado, a busca irênica marca a nossa idade. Ainda estamos angustiosamente belicosos, mas sendo assim, perturba nosso coletivo consciências, uma vez que raramente ou nunca perturbou o coletivo ou mesmo mais individual ciências do homem anterior. Forte em seu sentimento-em grupos, culturas anteriores acreditavam de modo geral essa guerra, embora talvez horrível, era uma parte inevitável da vida.

Finalmente, estamos entrando no antigo padrão de comportamento esquizóide, com distúrbios re-colocando abstinência esquizofrênica? Possivelmente até certo ponto. É provavelmente significativo que muitos centros de distúrbios em grupos que são emuitos analfabetos na tradição ou doentes em facilidade em centros de alfabetização, como universidades. Em outro lugar (1958, 1962) **eu** tenho emtentado a detalhar as conexões do alfa-aposta e impressão alfabética têm com um senso de ordem. Parece que estes conexões estão sendo abaladas em nossa presença estágio final do oralismo.

O anterior não é mais do que um esboço de o estado atual de oralismo, mas mostra que o mundo à nossa frente, como o mundo de o passado distante, pode exigir novas ferramentas de análise. A experiência do homem no “mundo” organizar-se hoje pode para um significativo grau nos ilude se, sem pensar, igualarmos

Página 13

646

Antropólogo americano

[71, 1969]

“Mundo” com algum tipo de tela espalhada diante de **nós**, como algo de que temos principalmente uma “visão”.

O conceito de visão de mundo, é claro, precisa não e não deve ser descartado. Mas como pode ser complementado? Podemos talvez comece com um conceito mais genérico, pensando de não apenas uma visão de mundo, mas um mundo sentido. Na verdade, tal conceito genérico seria parecem ser exigidos pelos termos que usamos, ou provavelmente usarão, na análise de vários visões de mundo. Embora o conceito de vista é visualmente aterrado, também é bastante meta-interpretado foricamente e análises do mundo visualizações não costumam restringir para o uso de visualmente aterrado termos. Podemos analisar uma visão de mundo em termos de textura, que se baseia patentemente em

causa da relação do cheiro com a memória ory. **Um** odor particular pode invocar **-se** um presença ou presenças muito efetivamente, al- embora possa deixar a impressão muito vago. Ainda assim, a sensação de presença aparece não deve ser fundado em nenhum campo sensorial em particular.

O que acontece se pensarmos na presença mundial ou o mundo como presença, em vez de o mundo como algo visto, algo para o qual temos uma perspectiva? Nós fazemos sofrem algumas deficiências. Em termos de presença não podemos alcançar a precisão que alcançamos recorrendo à imaginação visual para mod- els que representam as estruturas em consciência ness. Mas pensando no mundo como presença nós ganhamos em imediatismo e em um certo tipo de relevância.

o sentido **do** tato, ou em termos de tonalidade ou concordância, que se refere à audição. Nós pode, no entanto, ganhar muito se voltarmos fletiu mais no campo sensorial ou campos em quais os vários conceitos que usamos são aterrado. Talvez fosse produtivo para cultivar alguns conceitos com base auditiva, como como aqueles que acabamos de mencionar, bem como "harmony", "cacofonia" e "melodia", embora isso possa parecer sugerir um certa afetação.

Mas acredito que outra forma produtiva para complementar nosso conceito de visão de mundo é para passar do conceito de sentido de mundo para o conceito de mundo como presença. Por referência, **quero** dizer o tipo de relacionamento que existe entre pessoas quando dizemos que dois as pessoas estão presentes umas às outras. Presença no sentido pleno do termo implica mais do que a sensação. Na medida em que está baseado em os sentidos, parece estar fundamentado em todos deles simultaneamente. Falamos de um "Sensação" de presença, ao invés de uma visão, som, cheiro, sabor ou toque de presença. Existe alguma relação especial, de curso, entre presença e toque; proba- bem porque ao toque **está** associado nosso senso de realidade e presenças são eminentemente real, podemos dizer que sentimos a pressão de alguém ence. Também existe uma relação especial entre presença e cheiro, provavelmente seja-

As condições em que nos encontramos hoje clamamos por consideração do mundo como uma espécie de presença principalmente por causa do que Teilhard chamou muito apropriadamente o hominização do globo. O ambiente em que homem se encontra hoje é feita para cima de seres humanos mais do que nunca. Para primeira vez na história do homem o globo é muito bem coberto com homens todos os quais estão em contato um com o outro, pelo menos em o grande. A natureza é cada vez mais sub- jectado à gestão do homem e **está** se tornando sendo uma espécie de extensão da humanidade. Nosso meio ambiente é cada vez mais povoado ambiente no qual as próprias coisas existem em um contexto de pessoas. Este é o tipo do mundo o conceito de presença expressa. A presença se aplica mais diretamente às pessoas. E se Estou em uma sala com uma cadeira, uma planta, um gato, e um ser humano, é o ser humano que normalmente será sentido como uma presença, não as outras coisas. No sentido estrito, apenas por- filhos são presenças reais. **Um** mundo concebido de em termos de presença é um hominizado mundo.

Pensando no mundo como uma espécie de pres- cia, é claro, não é inteiramente nova. Há sim uma boa quantidade de evidências de que no passado foi pensado desta forma depois de uma moda. Em primeiro lugar, como foi observado anteriormente, oral-aural culturas predisõem o homem a personalizar até

Página 14

ONGJ

Mundo como Visão e Mundo como Evento

647

fenômenos impessoais porque ele tem que armazenar conhecimento na narrativa, em vez de ab- categorias científicas estreitas. Em segundo lugar, como fenomenologistas gostam de nos lembrar, inter- a subjetividade é um modo primário de ex- humano experiência. Quando **eu** ando sozinho no escuro madeira à noite e ouço o que sei é o galho de uma árvore esfregando contra outra na brisa, **não** consigo manter a imaginação de sugerir persistentemente que o ruído é a voz de algum ser vivo, e de fato de alguma pessoa que, sendo de outra forma conhecido e de intenção incerta, pode muito bem deseja me prejudicar. Minha imaginação quer pessoas ao redor. Cada criança **é** iniciada em uma consciência de si mesmo desde o início em um contexto de pessoas que medeiam o ex mundo superior para ele, e ele nunca poderá depois liberte-se desse contexto. Onde pessoas estão faltando, ele as projeta. Ani- mesmo existe em culturas primitivas para uma variedade

modelos reais do universo como nunca antes. Mas também precisamos de alguns conceitos não visuais, incluindo até mesmo alguns que ainda não foram nascermos. Na situação atual, este artigo pode fingir ser nada mais do que maiêutico.

NOTA

'Este artigo foi originalmente preparado **para** e apresentado na Fundação Wenner-Gren **Burg** Simpósio Wartenstein no. 41, "Visões do mundo: Sua Natureza e Seu Papel na Cultura", **Au- rajada 2-11, 1968.**

REFERÊNCIAS CITADAS

- ABRAMS, **M. H.**
1953 O espelho e a lâmpada, Nova York: Imprensa da Universidade de Oxford.
- CAROTHERS, **C.**
1959 Cultura, psiquiatria e a escrita palavra. *Psychiatry* 22: 307-320.
- CHADWICK, **H. MUNRO** E **N. KERSHAW**
CHADWICK

série de razões, sem dúvida, mas uma razão pareceria ser o relativo vazio de o universo primitivo. Uma vez que existem muito poucas pessoas ao redor, presenças pessoais são projetado para o mundo vazio. O animismo pode persistir por um tempo em áreas urbanas populações, mas é mais tipicamente um fenomeno de grupos vagamente dispersos.

Não precisamos mais do animismo hoje. o as ninfas da madeira desapareceram enquanto a floresta enchia com acampamentos de trailer. Sprites da água foram lotado por submarinos e mergulhadores ers. Não precisamos mais de presenças de projeto para o mundo, pois eles já estão lá. Além das pessoas na mesma rua ou na próxima sala ou ao nosso lado, há todos os outros permanentemente disponíveis no tele visão. Por lidar com nossos superpovoados ambiente, parece que precisamos de alguma atenção a noção de presença se quisermos pense no mundo em termos pós-cartesianos. Devemos, é claro, refinar nossas várias vi-

1932-1940 O crescimento da literatura (3 vols.). Cambridge: Cambridge University Pressione.

HAVELOCK, ERIC A.

1963 Prefácio de Platão. Cambridge, Mass.: Belknap Press.

SENHOR, ALBERT B.

1960 O cantor de contos. Cambridge: Harvard University Press.

ONG, WALTER J.

1958 Ramus, método e a decadência do dia-logue. Cambridge: Harvard University Pressione.

1962 O bárbaro por dentro. Nova York: Macmillan.

1967 A presença da palavra. Novo Haven: Yale University Press.

OPLER, MARVIN K.

1956 Cultura, psiquiatria e humanos valores. Springfield, III.: Charles C. Thomas.

SPITZER, LEO

1963 Idéias clássicas e cristãs de mundo harmonia: prolegômenos para uma interpretação da palavra "*Stimmung*."

YATES, FRANCES UMA.

1966 A arte da memória. Chicago: Universidade da Chicago Press.